

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
9 e 10 de Abril de 2025
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
em colaboração com a 18ª Festa do Cinema Italiano

LE FATE / 1966 As Feiticeiras

*Um filme de Luciano Salce,
Mario Monicelli, Mauro Bolognini
e Antonio Pietrangeli,*

Argumento: **Fata Sabina:** Ruggero Maccari e Luigo Magni; **Fata Armenia:** Tonino Guerra, Giorgio Salvioni, Suso Cecchi d'Amico; **Fata Elena e Fata Marta:** Rodolfo Sonogo / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* : **Fata Sabina e Fata Armenia:** Dario di Palma; **Fata Elena:** Leonida Barboni; **Fata Marta:** Armando Nanuzzi / *Cenários:* **Fata Sabina:** Luca Sabbatini; **Fata Armenia:** Piero Gherardi; **Fata Elena:** Pier Luigi Pizzi; **Fata Marta:** Mario Chiari / *Figurinos:* **Fata Sabina:** Luca Sabbatini; **Fata Armenia:** Piero Gherardi; **Fata Elena:** Pier Luigi Pizzi; **Fata Marta:** Mario Chiari / *Música:* Armando Trovaioli / *Montagem:* **Fata Sabina:** Sergio Montanari; **Fata Armenia:** Ruggero Mastroianni; Franca Carotenuto; **Fata Elena:** Nino Baragli; **Fata Marta:** Franco Fraticelli / *Som:* **Fata Sabina:** Fausto Ancillai; **Fata Armenia:** Massimo Jaboni; **Fata Elena:** Fernando Pescetelli; **Fata Marta:** Augusto Troiani / *Interpretação:* **Fata Sabina:** Monica Vitti (Sabina), Enrico Maria Salerno (*Gianni*), Renzo Giovampietro e Franco Balducci (*dois automobilistas*); **Fata Armenia:** Claudia Cardinale (*Armenia*), Gastone Moschin (*o Dr. Spaziani*), Jole Fierro (*a enfermeira*), Conrado Olmi (*o amigo de Spaziani*); **Fata Elena:** Raquel Welch (*Elena*), Jean Sorel (*Luigi*), Pia Lidström (*Claudia*), Massimo Fornari (*Alberto*), Clotilde Sakharoff (*a governanta*); **Fata Marta:** Alberto Sordi (*Giovanni*), Capucine (*a condessa Marta*), Olga Villi (*a condessa Ratazzi*), Anthony Steel (*o Professor Moldesi*), Gigi Ballista (*o padre*).

Produção: Documento Film (Roma) e Columbia Film (Paris) / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 108 minutos / *Estreia mundial:* 25 de Novembro de 1966 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Monumental), 9 de Janeiro de 1968 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

O filme é composto pelos seguintes episódios, apresentados nesta ordem na cópia que vamos ver: **FATA SABINA** (Luciano Salce) **FATA ARMENIA** (Mario Monicelli), **FATA ELENA** (Mauro Bolognini) e **FATA MARTA** (Antonio Pietrangeli).

O percurso cinematográfico de Antonio Pietrangeli não foi dos mais harmoniosos, se levarmos em conta o facto que mesmo depois de reconhecido como um *autor*, um cineasta com ambição e relevância, graças a títulos como **Adua e le Compagne** e **Io la Conoscevo Bene**, ele ter continuado a filmar, aceitando, porém, obras menos ambiciosas. A partir de certo ponto, uma dezena de anos depois da morte de Pietrangeli, cineastas tão diferentes como François Truffaut e Rainer Fassbinder adotaram a estratégia de alternar filmes pessoais e filmes menos pessoais, porém mais rentáveis, destinados a cobrir os previsíveis prejuízos causados pelos primeiros. No caso de Pietrangeli fica-se na dúvida se houve uma estratégia ou se ele simplesmente não conseguia ou queria recusar propostas menos interessantes do ponto de vista artístico, porém proveitosas do ponto de vista comercial e que mantinham o seu nome em circulação (a sua participação em **Le Fate** veio a ser a sua penúltima contribuição para o cinema, dois anos antes da sua morte acidental, por afogamento, durante uma rodagem). Num artigo sobre **Le Fate**, publicado na série *Bianco e Nero* em Fevereiro de 1967, Leonardo Autera (que especifica que só escreveu um artigo sobre o filme devido à presença de Pietrangeli entre os seus realizadores) é de opinião que, apesar de alguns exemplos de filmes notáveis inseridos em longas-metragens em episódios, em meados dos anos 60 a quase totalidade dos filmes em episódios feitos em Itália limitava-se a contar “*historiazinhas vazias, vulgares, sem inspiração, que não vão muito além da anedota encenada*”, lamentando de modo indireto a presença de Pietrangeli entre os realizadores destes filmes, ele que foi “recentemente premiado com a «Fita de Prata» pelo melhor filme de 1965 (**Io la Conoscevo**)

Bene), merecedor de ampla estima devido aos seus dons invulgares de sensibilidade, mas que ainda não se desenvolveram plenamente”. Por outro lado, Louis Malle fazia restrições genéricas aos filmes em episódios. Segundo ele, davam tanto trabalho aos realizadores quanto uma longa-metragem, mas eram bastante práticos para os produtores: “eles juntavam realizadores famosos, o que atraía vedetas; cada um trabalhava uma semana; era tudo muito barato. E é claro que os produtores diziam que aquilo era um «exercício». E queriam que se trabalhasse com orçamentos ridiculamente baixos”. O resultado global de **Le Fate** (literalmente “as fadas”, curiosamente rebatizado **As Feiticeiras** em Portugal e, mais estranhamente ainda, **Sex Quartet** na Grã-Bretanha) talvez lhe dê alguma razão.

O filme reúne dois realizadores de prestígio (Monicelli e Bolognini), um de modesta reputação (Salce) e Pietrangeli, que gozava de prestígio, porém não sem restrições devido às suas incursões em filmes mais “fáceis”. O traço de união entre os quatro episódios é bastante ténue, algumas variações sobre a “guerra dos sexos”, expressão que neste caso talvez pudesse ser utilizada no singular, posto que três dos quatro episódios giram à volta do sexo, em que se misturam as noções de prazer e infração. **Fata Sabina** explora as capacidades cómicas de Monica Vitti, que tinham sido ocultadas pelos personagens inertes e neuróticos que fizera para Antonioni e que lhe garantem um lugar na história do cinema. A história já começa em pleno, sem preâmbulos – uma mulher foge de um homem que quer violá-la, gritando por socorro – mas a simples presença de um trecho de *As Quatro Estações* de Vivaldi na banda sonora é um gesto de ironia e, por conseguinte, um sinal inegável de que estamos diante de um filme de teor cómico. É uma ideia bastante inteligente e ousada fazer humor com uma situação bem pouco divertida e esta ideia funciona, em parte devido à opção clássica de opor a ingenuidade masculina aos cálculos do personagem feminino, bem menos “vítima” do que quer parecer. O segundo episódio, **Fata Armenia**, é organizado à volta de Claudia Cardinale, que tinha um currículo tão ou mais prestigioso quanto o de Monica Vitti, além de alguma experiência em papéis cómicos e por isso não está num *contre-rôle*, num papel deliberadamente oposto àqueles que caracterizam a sua pessoa cinematográfica. Como o personagem de Vitti no primeiro episódio, a protagonista de **Fata Armenia** é aquilo que em outros tempos se chamava uma doidivanas, que dá corda aos personagens masculinos e manipula-os. Apesar da sua vasta experiência Monicelli não escapou por completo ao risco de ter de encolher numa curta-metragem uma história que talvez necessitasse de noventa minutos para se articular plenamente. **Fata Elena** confirma o que diz Malle sobre a presença de atores famosos nos filmes em episódios: neste filme franco-italiano a vedeta feminina é a americana Raquel Welch, então no auge da fama, exclusivamente como *sex symbol* e que teve aqui a oportunidade de fazer um papel no qual o seu corpo não é a principal atração. A narração, no entanto, não é realmente desenvolvida, fica-se mais pela ideia do que pela sua concretização, o que faz deste episódio sobretudo um elo entre os demais. O episódio de Pietrangeli, **Fata Marta**, é sem dúvida o mais conseguido e também o mais clássico, não só pela sua organização narrativa, mas devido à presença de Alberto Sordi, que nesta altura da sua carreira tinha uma presença absoluta nos filmes que fazia: via-se sempre Sordi no papel de Sordi, fosse qual fosse a profissão exercida pelo seu personagem, o que faz dele o co-autor dos seus filmes (o ator tinha o seu argumentista “oficial”: Rodolfo Sonego). Aqui ele faz o papel de um criado que é levado para a cama pela patroa (Capucine, num dos seus raros papéis não esfíngicos, o que é uma agradável surpresa), quando lhe convém, para esquecer-se do facto também quando lhe convém (o *gag* do pequeno-almoço levado à cama é especialmente divertido). A situação, digna de um filme de Lubitsch, pode ser interpretada de modo literal ou de modo não literal, isto é: os membros das “classes inferiores” podem dar satisfação sexual aos das classes superiores, mas é indispensável, que uma vez fora da cama, fiquem no seu devido lugar. O contraste entre a sobriedade de Sordi e Capucine e o aspecto “escandaloso” da trama narrativa mantém a narrativa a um nível de distância e cinismo sem os quais uma comédia dificilmente pode ser considerada *sofisticada*.

Antonio Rodrigues